

Coniupuiaras: as Amazonas da América sob o olhar europeu moderno

Dayana Mendes Pereira. Aluna do Curso de Licenciatura em História, Universidade de Santo Amaro – UNISA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas – POLIBERA/UNISA/CNPq. IC/UNISA

Francielle Wisnieski de Andrade. Aluna do Curso de Licenciatura em História, Universidade de Santo Amaro – UNISA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas – POLIBERA/UNISA/CNPq. Bolsista IC/UNISA

Muitas coisas se tornaram evidentes em relação aos conquistadores dos territórios descobertos na América. Os nativos eram uma incógnita, e os homens que ali chegaram teriam particularidades, conhecimentos, mitos e lendas que povoavam suas mentes. O século XVI é marcado pela expansão dos europeus ao continente americano, e suas descobertas nas novas terras nos trazem informações sobre eles mesmos. Uma expedição comandada por Francisco Orellana (1540-1542) saiu da região dos Andes em direção ao leste ao longo do rio-mar que hoje conhecemos por Rio Amazonas. Ao longo do percurso teriam os conquistadores encontrado nativos, ora amistosos e de fácil comunicação, ora agressivos com quem tiveram que combater. Mas o que realmente interessa a este trabalho é o que foi ouvido dos indígenas em relação a uma tribo específica que chamavam de Coniupuiara. É importante ressaltar que há uma série de variações de nomenclatura da tribo supracitada. Entre os autores estudados por este trabalho encontrou-se *Comapuíras*, *Cunhapuiaras*, *Coniupuiaras*, *Icamiabas* e *Cunhãs-teco-imas*. Desde a partida até ao longo do percurso muito se ouviu falar das mulheres Coniupuiaras. Tratava-se de uma tribo composta somente por mulheres com hábitos belicosos, com porte físico distinto, fortes e “invencíveis” (CARVAJAL, 1542). Essas características remetem às mulheres dos mais famosos mitos gregos, as AMAZONAS. O principal cronista da expedição, frei Gaspar de Carvajal, narra uma batalha contra um grupo indígena do Rio Jamundá, onde no meio da peleja teriam vindo ao socorro daqueles homens cerca de 10 ou 12 bravas

mulheres, o que os impressionou, tanto seu porte físico quanto sua habilidade de guerra. Outros homens também se aventuraram pelo rio, mas não tiveram a mesma sorte de estar cara a cara com as guerreiras. O padre Cristóbal Acuña, o Frade André Thévet, o Monsieur de la Condamine e outros colheram dos povos que habitavam a região uma série de depoimentos a respeito de províncias de mulheres na região amazônica. A respeito desses homens fica uma questão: o que os teria levado a projetarem o mito da Amazonas no novo continente e qual teria sido o reflexo dessa projeção sobre a América? Um autor que trata esse lado delicado da história da expansão marítima, Sérgio Buarque de Holanda, em *Visões do Paraíso* (1986) vai lidar com a questão do imaginário, o que conhecemos como história das mentalidades. Os conquistadores tinham suas mentes povoadas por conhecimentos de culturas antigas e sua própria carga religiosa, e buscaram, automaticamente, projetar suas crenças no novo continente que lhes era desconhecido. Referente a isso ele nos fala: *Assim como para uma criança o mundo se mede segundo suas próprias vontades e caprichos, o mesmo ocorre com a infância do mundo* (HOLANDA, 1986). Eles poderiam ter sido movidos por sua curiosidade, tendo entrado em contato com a literatura Greco-Romana no período renascentista, e assim, ao encontrarem as Cunhapuiaras, acreditaram verdadeiramente estar diante das Amazonas gregas, perpetuando durante séculos, essa história como uma verdade. Portanto, o mito das Amazonas da América pode oferecer uma importante contribuição para que se conheça melhor o pensamento do homem do século XVI.